

# A HISTÓRIA DE ROSILENE

Por Vicente de Paulo Siqueira

“Antes de voltar para minha casa no dia seguinte,  
escrevi no espelho com batom:  
*minha menina, estamos sozinhos no mundo.*”  
(Gabriel García Márquez,  
*Memória de minhas putas tristes*)

Fiquei olhando a caixa, pensando um punhado de coisas: que ali podia estar um bicho morto, uma maldade de minha irmã, uma brincadeira... Minha irmã nem me telefonava mais, pra que ia mandar uma caixa que não era um presente, que vinha sem uma nota, nada? O pensamento vagava. Por uma associação livre demais, pensei no *gato de Schrödinger*. Era necessário abrir aquilo. E se a luz se acendesse lá dentro, o martelo acionado, o gato ganhando existência para além da conjectura, saltando para o real. Nada, a caixa permanecia muda, não tinha gato ali. Você tem certeza que foi minha irmã?, inquiri Rosilene. Será que não conheço a irmã do senhor?

Escutei um cacarejo breve, abri as abas, o galo estava horas ali paralisado. O bicho continuou imóvel por uns instantes, cacarejou de novo, então foi se levantando e saltando para a borda da caixa, que tombou com seu peso. Uma caixa de papelão e um galo. Lembrei que Sócrates deplorou o costume grego de sacrificar galos ao deus Asclépio para se livrarem de doenças. Entrei e esqueci o galo, fui tomar banho, fazer outras coisas.

Dormiu, embora eu nunca soubesse como dormem as aves. Cedo escutei o canto rouco, tímido, que quase não se repetia. Rosilene logo começou a cuidar dele, dar comida e tudo. Por que o senhor não arruma uma galinha? Ele é muito bonito, merece. Envolvia-se com o galo, dizia que ele não era igual aos outros, e não demorou para que aparecesse com uma novidade a que não dei atenção primeiro, mas de ela repetir tanto, tive que tentar compreender. Dizia que a ave falava. O quê? Cê tá doida, Rosilene? Ela insistia. Não! Ele fala. É muito engraçado! Não entendo nada, mas ele fala!

Passei a observá-lo. Cantava em cima do encosto da velha cadeira de ferro, deitava-se no chão a sacudir terra sobre o corpo, ficava parado debaixo do céu, esticado, as penas vermelhas do dorso e do pescoço contra o cinza do resto do corpo. Vi que um ar estranho o envolvia. Abismei. O galo falava, não como as pessoas, articulado, mas com o corpo, irradiava palavras, como nos sonhos, fragmentos de ideias, coisas de filosofia, física, frases às vezes claras e na maioria das vezes ininteligíveis, e sempre sem continuidade. “Este é o marco, nascente de contrários, tudo de novo. O centro se revolve para que as margens... Do infinito, devir, dia...” O quê? O cigarro queimava entre meus dedos. Consegui lembrar essas palavras. Ergueu mais o pescoço, bateu de leve as asas e soltou um canto afinadíssimo. Falava de antimatéria, de Tales, do fogo, de tudo, tudo misturado.

Ouvia o eco das frases na memória, o galo pensava e soltava frases, enunciados soltos, “...tudo cedendo lugar à incerteza, exatidão imprecisa, assim navegar o imenso mundo”. Tentava anotar e conferir nos livros o que “ouvia” do galo, mas seu pensamento não combinava com livros e parecia que só falava dos livros. “O imenso mundo...” Einstein? “A linguagem em desarranjo, colapso, devagar...” Lembrei-me de histórias de frangos de macumba, da galinha que meu pai contava ter pego numa encruzilhada e levado para casa. Dizia que a trancou num cômodo e quando abriu depois a porta não havia mais nada. “Uma fórmula-frase inscrita no antes, a grande explosão, o que nasceria...” Desviava-se de conclusões, soavam arroubos, bravatas, chistes, à revelia de tudo.

Não teria sido que Rosilene plantou esse galo em minha casa e inventou a história de minha irmã? Ele passeava, ciscava, soltava cacarejos concisos, agitava a cabeça, movia o ar com os olhos atentos: “O existir, lugar do paradoxo, o ser então...”, ou: “Quando o eixo de tudo se desloca, é o sentido, o primordial, verdade que se dá ao mundo, abre-se...”, todo assistemático. Não comentava isso com ninguém, nem com Rosilene, embora ela continuasse ouvindo o galo e dizendo que ele falava melhor que gente. É não, Rosilene. É porque ele é o galo de Schrödinger. O quê? Nada, não, Rosilene.

As frases do hermético animal faziam-me lembrar as coisas que tinha visto em programas de ciência, que lera em revistas, a *teoria de tudo*, o *pluriverso*, Hawking, coisas que estavam soltas em minha cabeça, que não chegavam a constituir um conhecimento. “Se tudo evolui de uma certa ordem para a desordem, então é claro que um dia, uma hora tudo...” Via, ouvia e não cria, tentava a um só tempo ignorar e prestar atenção nas falas de Rosilene, ficava horas olhando a plumagem do bicho, pensava que ele carecia de um nome, que precisava ser mais legítimo. Pensei Ananias, não porque esse fosse um nome significativo, nem sabia o que queria dizer, mas porque ele tinha jeito de Ananias. Repeti três vezes o nome, chamei-o assim, e respondeu com um cacarejo de espanto, como quem aprovasse, e com o dia, com o nome, foi ficando mais sério, mais maduro.

Experimentei replicar suas frases, mas ele ficava indiferente, ou não me entendia ou não se interessava pela conversa. Rosilene aparece com uma galinha, que logo começa a botar. “Ele é e não é, está e não está no ninho.” O quê?

Ananias não chegou a citar o *quantum*, mas pude perceber que passeava por postulados de Planck, confundia a *teoria do corpo negro*, bagunçava meu pouquíssimo ou nenhum entendimento da *catástrofe ultravioleta*. Tudo que dizia parecia um espoucar de conceitos, uma festa com as ideias, sem passar disso. Para Ananias, ciência e filosofia eram brinquedos. Não tinha forças para contestá-lo, abria mais livros para conferir seus enunciados e mais me embaraçava. Os saltos discretos da ciência eram precipitações gigantes na “fala” de Ananias.

Depois de dias, vencido o estranhamento, começamos a estabelecer alguma coisa parecida com um diálogo. Supunha que ele me ouvisse, tentava estabelecer qualquer nexos entre o que falávamos. “Tudo se move no indeterminado...”, dizia, como se ilustrasse com essa frase o modo de sua linguagem. Repliquei, para ver se ele confirmava, para ver se estava “falando” de Anaximandro, “que ao fim tudo se debruça sobre o fogo, um fogo...” Cogitávamos no nada, conjeturávamos no nada. Via as perguntas ou assertivas escaparem-se de seu corpo, que se desdobrava em mais frases, a sondar o mundo, a não sondar nada. Ficava com ele já sem querer, por uma atração de que não me dava conta. Não esperava que Rosilene cuidasse dele, eu mesmo fazia tudo, observava o ninho, se o ovo estava e não estava lá, como na cabeça do físico, quer dizer, do galo, quer dizer, não sei. Rosilene dizia que teve uma galinha doida, que chocava um ovo que não existia, deitada num pedaço de papelão. Derivava, Rosilene...

Parece que Ananias era mais importante que o mundo, era o mundo. Eu deixava de dobrar minhas roupas, fazer a barba, engraxar os sapatos, para ouvi-lo, para ter a ilusão de que ele também me ouvia. Arregalava os olhos e cantava a dois passos de mim. Pedi a Rosilene que não contasse para ninguém, imaginando que já tivesse contado para todo mundo. Não tinha mais como duvidar, o galo, estranhamente, era mais verdade que tudo na casa, na rua, mais verdade que a verdade de qualquer filósofo, e cada vez mais acreditava que ele conversava comigo, não pensava mais que minha irmã era doida por causa do galo, nem que Rosilene era doida.

Familiarizávamo-nos, ele parecia falar do mundo como representação... Não era hábito de pensar, mas de soltar coisas no ar, mesmo que parecesse com ditos de um ou de outro. De olhá-lo, eu ficava mudo. Sua envergadura de galo índio, seu viés pós-moderno, sua nervura de pensador primitivo, faziam dele uma ave numinosa, e eu via abismado que os conceitos soltos acabavam formando uma constelação, uma ordem estranha, "...o fluxo se cristalizando em ser, o ser de outro ser, a diferenciação de si..." Galo Deleuze.

Mas num desses momentos com o Ananias, vi que seu olho esquerdo turvara-se. Peguei-o com jeito, fiz movimentos com a mão diante dos dois olhos, movimentos que nem eram necessários. Estava cego. Por quê? Por falar? Por pensar? Não me assustou tanto a cegueira, mas a possibilidade de que ficasse todo cego, da visão, do pensamento. Se nunca se permitia superficialismos, agora estava ainda mais sério. E se além da visão perdida, emudecesse? Depois de tantos ditos, num ato definitivo, não dissesse mais nada? Olhava-o e pensava em poetas cegos, oráculos, almoçava perto dele, escutando seus ensaios, chegava do trabalho e ia direto para o quintal, ficava ao redor de seu sol, sua linguagem estelar. Pela linguagem, o espírito entrava em Ananias; pelo espírito, ele falava, e cego, ficava mais de verdade, mais importante.

“A verdade não é redonda, nem homogênea, nem compacta, mas de mil formas, embaralhada, fragmentária.” Ananias “diz” isso, ou algo muito próximo disso, o seu enunciado mais perfeito e completo, mesmo que assustador, como todos os outros; mais perfeito, porque se completava, se fechava, e mais assustador porque desafiava o dito contrário da filosofia clássica. E foi seu último dizer.

Cumprindo meu presságio, assim como perdeu um olho, cala-se, para de cantar, anda pelo quintal como se não tivesse compromisso com nada do que “disse”. Tento provocá-lo, mas não reage, perdeu a graça. O que você fez com ele, Rosilene? Nada. Eu não fiz nada! O galo se esconde debaixo do caramanchão, entre mato e pés de hibisco, num silêncio só. Dias depois, aparece morto. Pego seu corpo não crendo, ainda estava fresco, a carne macia... Foi *newcastle*... Era dessa doença que morriam muitas galinhas de meu irmão. Sem apresentar sintomas, apenas caíam. Giro o corpo nas mãos, apalpo-o, mas não apresenta sinais. Tinha sido mesmo *newcastle*... Se não tivesse lhe dado um nome seria mais fácil, mas com um nome tudo fica mais vivo, aumenta o afeto, a intimidade. Repeti o nome três vezes. Seu corpo foi se transformando numa massa azul, uma textura aveludada, acrílica, de pelúcia. Vi meus sentidos nublarem-se, meus braços, minhas roupas, meu corpo, em instantes estavam azuis. Lembro-me de ter ido para o quarto... Da cama, via o corredor. Minha irmã injetara em Ananias alguma estranha substância, ou a pura maldade, enfiara-o numa experiência de Dirac, numa lata de possibilidades, esfregara-o na *antimatéria*, lambuzara-o na *teoria de tudo*, Rosilene vinha cambaleante azul fosforescente em minha direção, oferecia-me um copo com um líquido grosso violeta cambiante, o quarto nave toda azul, turquesa, macio, radiava, o chão movia-se para cima e para baixo, como a desenhar curvas do *espaço-tempo*; na parede, dançava luminosa a fórmula de Dirac, o gato enorme azul negro passava entre minhas pernas e as de Rosilene.